

## COISAS DA POLÍTICA ■ DORA KRAMER

# FHC é bom mas não tem dois

Com seu pronunciamento de sexta-feira em cadeia nacional, o presidente Fernando Henrique Cardoso *limpou* a pauta de assuntos a respeito dos quais o país necessitava de sua imediata opinião. Ressuscitou o Real como bandeira, lembrou a todos que inflação baixa no Brasil ainda é privilégio, reafirmou a decisão de vetar o salário mínimo de R\$ 100 e explicou a razão, disse como e por que sancionará a anistia a Humberto Lucena e ainda deu início à campanha de popularização das reformas constitucionais.

Não perdeu também a oportunidade de mostrar ação, quando anunciou, à revelia dos ministros, que eles terão, juntamente com o presidente e o vice, de devolver parte de seus salários ao

Tesouro enquanto o problema do mínimo não for resolvido. Para quem até anteontem sofria críticas por não se comunicar com a sociedade, Fernando Henrique deu um show.

Pois assim conseguiu mostrar a quem o elegeu que em tudo há vantagens e desvantagens nesta vida. Se de um lado ficam todos satisfeitos de saber que o presidente da República é dono absoluto da situação, conhece as variantes dos problemas, examina suas circunstâncias e não foge à explicitação clara de suas responsabilidades, de outro fica a constatação de que Fernando Henrique é bom mas não é dois.

Ou seja, foi preciso que ele viesse a público para transmitir a sensação de que há governo. Pois o próprio presidente já está convencido de que a falta de política de comunicação muito bem concebida, ou pelos menos de mais gente em sua equipe, ocupe a linha de frente. Uns seis ou sete Fernandos Henriques seriam o ideal.

O presidente lembra que, no governo Itamar, quando o Congresso queria votar o salário mínimo de US\$ 100, foi ele, como ministro da Fazenda, para o campo combater pessoalmente a ideia.

Ali, enfrentou até a oposição de Itamar, que só

desistiu de se aliar a Walter Barelly, então ministro do Trabalho, porque Fernando Henrique ameaçou pedir demissão. "Hoje não tenho quem faça isso", lamenta o presidente. Torce, faz votos e figas para que, em breve, surja alguém capaz de defender o governo com firmeza e deixar que o presidente se preserve ao máximo. Como diz o próprio Fernando Henrique, "o presidente deve ser o último a apinhar".

Ele até reconhece que talvez tenha exagerado, ou então seus ministros tenham levado muito ao pé da letra a ordem para que todos se calassem. Todos lembram, no início, que a palavra de ordem era pacto de silêncio. "O problema é que eu queria que os ministros não falassem sobre o que não entendem e não que se intimidassem."

Adib Jatene, da Saúde, na época continuou falando, sofreu interpretações de que estaria desobedecendo às ordens presidenciais e hoje se vê que, pelo jeito, foi o único que entendeu o espírito da coisa.

O que Fernando Henrique temia era o disse-me-disse de ministros pela imprensa, discursos desencontrados, divergências que pudessem num atimo transformar-se em crise. "A imprensa ado-

ra uma crise." Hoje, no entanto, acha que os discursos estão afinados e cita como exemplo a posição unitária de sua equipe em relação às reformas constitucionais.

Mais, acredita que há ministros inteiramente aparelhados para o exercício da publicidade no bom sentido, notadamente José Serra, Gustavo Krause e Paulo Renato Souza. À parte a compreensão de que possa ter havido um certo intimidação geral no começo, agora, na visão de Fernando Henrique, é hora de falar.

Mesmo consciente de que é fundamental a preservação da figura do presidente da República, demonstra disposição de ir, ele próprio, à estalada. "Vou dar entrevistas, fazer pronunciamentos, conversar com a sociedade civil, promover seminários, enfim, tudo o que estiver ao meu alcance para mostrar à sociedade que o governo precisa das reformas, mas tem projetos que independem delas e que serão tocados."

Até porque, se o governo ficar dono de uma única bandeira, jogar todas as fichas exclusivamente nas reformas, um eventual fracasso nessa área o deixaria sem assunto pelos próximos quatro anos.